

O Estado de S. Paulo

20/7/2008

AGRONEGÓCIO

Mecanização muda a face do campo paulista

Corte de cana-de-açúcar no Estado já é 70% feito por máquinas, elevando bastante a produtividade e reduzindo o impacto ambiental

Roberto Godoy

As máquinas que estão mudando a face do campo faziam tremer o chão, perto das 4 horas da madrugada, em meio ao imenso canavial da Usina do Rosário, em Morro Agudo, norte do Estado de São Paulo. Luzes fortes, motores de 400 cavalos roncando alto, cinco delas completavam, na noite de lua cheia, o ciclo diário da colheita mecanizada: 1,5 mil toneladas de cana cortada e processada — para o mesmo trabalho seriam necessários de 500 a 600 trabalhadores, os bóias-frias, homens e mulheres, migrantes, quase todos.

O preço da colhedora é estimado em R\$ 800 mil. Com o trator de apoio, mais os caminhões especiais, cada grupo de corte é cotado por R\$ 1 milhão. Cada unidade colhe de 300 a 800 toneladas, desempenho dos modelos que estão saindo das fábricas a partir de maio.

A mão-de-obra custa bem menos, coisa de R\$ 1200 por mês. A produtividade é muito menor: um bom cortador não passa de 7,5 toneladas por dia. E só de dia. Cortadores manuais não trabalham a noite. O ambiente hostil nas horas de sol torna-se perigoso no escuro, ainda que com ajuda de iluminação artificial, povoado por cobras, ratos e insetos venenosos.

A jornada do equipamento é apenas uma referência. Na safra, que vai de abril a novembro, a frota não pára de trabalhar e de crescer: no período, em todo o País, entram no mercado três colhedoras novas por dia.

SONHO E PESADELO

As 24 horas em que as lâminas de aço cora 300 graus de pureza cumprem a tarefa de cortar a cana, preservando um gomo e as raízes para a rebrota do ano seguinte, aproximam o usineiro Cícero Junqueira Franco de um sonho, o da apanha mecanizada em 85% no Estado de São Paulo, índice que, ele espera, será atingido em algum momento entre 2012 e 2015. No norte paulista, a Usina São Francisco faz 100% com máquinas.

Cícero é diretor da Cia Energética Santelisa-Vale, dona de um canavial de 80 mil hectares. Aos 77 anos, ele defende a reciclagem do pessoal braçal de maneira intensa e diversificada para reduzir o impacto do processo. A unidade Vale do Rosário mantém um centro próprio de treinamento que prepara técnicos para atender à demanda da própria usina.

Maioria dos bóias-frias não tem estudo para fazer curso profissional

Junqueira pensa que a ameaça está na outra extremidade das rotinas canavieiras, o momento do plantio. "Hoje temos mais contratados plantando cana. E está vindo por aí a plantadora automática — ajustada, vai derrubar, logo de cara, 30% das vagas existentes". A rigor, a máquina já está em uso, embora ainda com uso limitado. Com recursos eletrônicos avançados, ela escolhe o tolete, lança no solo, acrescenta os eventuais aditivos e puxa a palha de cobertura.

O dia contado traz para más perto o pesadelo de outro homem, Silvio Palviqueires, o presidente do Sindicato do Trabalhador Rural de Ribeirão Preto. Quando as máquinas chegarem, ele terá de absorver não menos de 30% de desempregados entre a categoria que representa.

Há 20 anos, a área plantada era menor e a base era maior, e o cadastro acumulava 120 mil inscritos. "Hoje, o total não passa de 27 mil só no município", diz. Palviqueires acha "tímidas e fracas" as iniciativas tomadas pelos empregadores para criar alternativas. "Nosso maior problema é a baixa escolaridade. Os bóias-frias raramente tem o primeiro grau, não poderiam fazer um cursinho profissional", diz.

O sindicalista propõe uma moratória na escalada, "desacelerando a entrada das colhedoras como parte de uma política social". O cientista social Rubenci Urbano, consultor do Ministério do Trabalho e Emprego, concorda com Silvio: "O impacto zero é uma utopia, mas uma amenização é bem possível, se houver um pacto que possibilite investir na qualificação da geração que está entrando agora no campo e garantir certo apoio ao grupo que está quase saindo".

Não é tão simples assim. Para os investidores do setor, a mecanização aparece como garantia do fluxo de faturamento e deve ser priorizada. Mais que isso, é o exorcismo de um fantasma de 24 anos, o da Revolta de Guariba, quando bóias-frias em greve enfrentaram a polícia, incendiaram canaviais, saquearam o comércio e trocaram tiros com a tropa de choque. Um homem morreu, 30 ficaram feridos.

O levante, de acordo com o inquérito aberto a 15 de maio de 1984, foi motivado "pelos baixos salários, pelas péssimas condições de trabalho e taxas da Sabesp". O obstáculo a uma prorrogação e ajuste social é, todavia, o dinheiro. "Quem vai convencer os banqueiros do Grupo Goldman Sachs — que aplicam recursos pesados na produção de álcool brasileiro — a reduzir seus ganhos?", pergunta Urbano. A missão talvez possa ser entregue ao especialista em colhedoras de cana, o administrador de tecnologia Gercy James Soares. O dr. Gercy estava na indústria Santal nos anos 70, época da segunda geração das máquinas. E permaneceu no ramo, dominado por três fornecedores — a brasileira Santal, a americana John Deere e a Case, ligada à italiana Fiat. O conceito original foi desenvolvido há 50 anos por uma dupla de usineiros de Ribeirão Preto, Luiz Antonio Ribeiro Pinto e Homero Corrêa de Arruda Filho.

O resultado da evolução, em 2008, estava sob responsabilidade de Aléxio Alessandro dos Santos, operador de uma das cinco colhedoras que, na quinta-feira, rugiam no canavial a 360 quilômetros de São Paulo. Poeira, palha, galhos batendo na caçamba da carreta — nada incomodava Aléxio, 29 anos, dois filhos, um MP3 abastecido de músicas sertanejas e pagodes.

Na cabine com quatro painéis digitais, ar-condicionado e um joystick semelhante ao usado no comando do jato Airbus 319 do presidente da República, ele fazia valer o salário, que varia entre R\$ 2.500,00 e R\$ 3.500,00, "conforme as horas extras". Avançava sobre as linhas plantadas a cinco quilômetros por hora, "cortando feito médico", com o emprego de um GPS que dá as microcoordenadas de precisão, tocando o monstro de 16 toneladas e 14 metros de comprimento.

Negócio do açúcar e do álcool vai faturar R\$ 58 bi até dezembro

De manhã, cederia a vez ao irmão. Ambos foram bóias-frias. Aléxio, menino de 15 anos, foi afastado em 1994. Voltou em 99, aprendeu a pilotar tratores, foi para a escolinha da usina e em 2005 encarou a primeira safra mecanizada. Nunca mais saiu. O irmão, garante, era o melhor com o podão.

O chefe de Aléxio na Frente de Colheita número 6 é um engenheiro de produção, Cássio Migliorini. Naquele dia (e noite), a força sob seu comando era composta por 18 operadores, 36 tratoristas e 24 carreteiros. Nada de planejamento no papel: só computadores portáteis.

Tudo muito diferente da rotina de Lulu. Borges, de São Joaquim da Barra. Ela chega com o companheiro às 4h30. A marmita térmica guarda arroz, feijão, dois ovos cozidos. Metade deles come antes de começar o corte. A sobra fica para a hora do almoço, pelas 10h30. Até recentemente as usinas serviam o lanche da tarde. Acabaram suspendendo: a família inteira aparecia para receber o sanduíche, um energético e uma fruta.

Um dia longo. No final da tarde, a moça de 20 anos aparenta o dobro da idade, rosto negro pela fuligem, sem chance de um sorriso sob as três camadas de roupa que a protegem do sol.

Aléxio trabalha sobre o chão limpo. Pedras e objetos são varridos da frente, sob risco de virar balas perdidas, se atingidas pelas facas mecânicas. Luiza fica esperta o tempo todo. Ano passado teve de usar o facão para cortar uma cobra ao meio.

O dr. Gercy Soares acha que o avanço das máquinas é inexorável. "Basta olhar para os números: em 1993, só 0,5% da safra era mecanizado; em 1997, o índice chegava a 20% e hoje bate em 70%." Na região de Ribeirão Preto, há 45 usinas distribuídas por 85 municípios. A produção de cana totaliza 135 milhões de toneladas, base para as 8,22 milhões de toneladas de açúcar e 6,75 bilhões de litros de álcool.

"Essa riqueza toda emprega 460 mil pessoas, 330 mil das quais em São Paulo", lembra Soares, para quem uma das soluções para o choque da troca de pessoal por tecnologia "são programas de qualificação". Ele aponta o exemplo das colhedoras, "gigantes mecatrônicos que precisam desse tipo de gente para cuidar deles". Até dezembro, o negócio da cana vai faturar R\$ 58 bilhões.

(Página B10 — B10 ECONOMIA)